



Antônio Batalha/AE

Covas: campanha em Volta Redonda.



José Bassi/AE

Jânio: visitas de apoio.

Maluf (com Delfim): "Se eu fosse presidente..."

Maluf, atacando e prometendo. De novo.

Numa conversa que durou pouco mais de uma hora, ele prometeu, ameaçou, criticou o governo e, como sempre, garantiu que se chegar à Presidência tudo será diferente. Paulo Maluf, escolhido na semana passada como candidato do PDS à sucessão, deu ontem uma amostra de como será sua campanha, durante almoço com jornalistas.

Pouco antes, ele havia se encontrado com o presidente nacional do PDS, deputado Delfim Netto, com quem discutiu a questão do vice e acertou o andamento da campanha. Delfim tem pela frente uma missão praticamente impossível: convencer os pedessistas, em particular os de Santa Catarina (para onde foi ontem) a permanecer no partido. O prefeito de Florianópolis, Esperidião Amin, derrotado por Maluf na convenção que escolheu o candidato, não está disposto a ceder — e não esconde que sua tendência pode ser um apoio a Leonel Brizola, do PDT, ou a Marco Maciel, caso vença a

convenção do PFL. Se Amin cumprir a ameaça, dificilmente os pedessistas catarinenses ficarão fiéis ao partido. Delfim, que tenta promover a união do partido, já começou a discutir com Maluf o nome do vice. Maluf traçou o perfil que pretende encontrar no vice: ter densidade eleitoral, capacidade administrativa e, se for do Nordeste, melhor.

Durante o almoço, no restaurante da Assembléia paulista, Maluf fez seu discurso de campanha. Disse estar convencido de que chegará ao segundo turno com 25% ou 30% dos votos, e se apresentou como opção para a população "que quer autoridade, combate à impunidade e que se construa um País moderno". Greves? Maluf imagina que se ele estivesse na Presidência elas não aconteceriam. "As pessoas não podem ficar sem água, sem energia, o Banco do Brasil não pode parar. É preciso diálogo". Impunidade? Maluf dá a receita em tom de palanque: "No meu governo, o sujeito prevaricou

vai para a rua e depois será processado". Se for certo, prometeu, "o Congresso irá trabalhar em regime de urgência até aprovar todas as leis complementares". Para os governadores, mandou um aviso: "Na minha administração, banco estadual que quebrar vai quebrar na mão do governador".

No mesmo estilo, ele atacou o governo Sarney: "Quando não se tem autoridade moral para segurar uma inflação por quatro meses é porque não se tem governo". Dos adversários, Maluf não quis falar. Collor de Mello, que votou nele no Colégio Eleitoral, e que hoje está em primeiro lugar nas pesquisas, mereceu apenas um comentário: "Não sei se ele está em primeiro porque é mais jovem, mais bonito ou foi perseguido por Sarney". Disse que não iria procurar os pequenos partidos para fazer alianças e ter mais tempo no horário gratuito. E também não vai procurar as Forças Armadas: "Não quero dar um golpe".